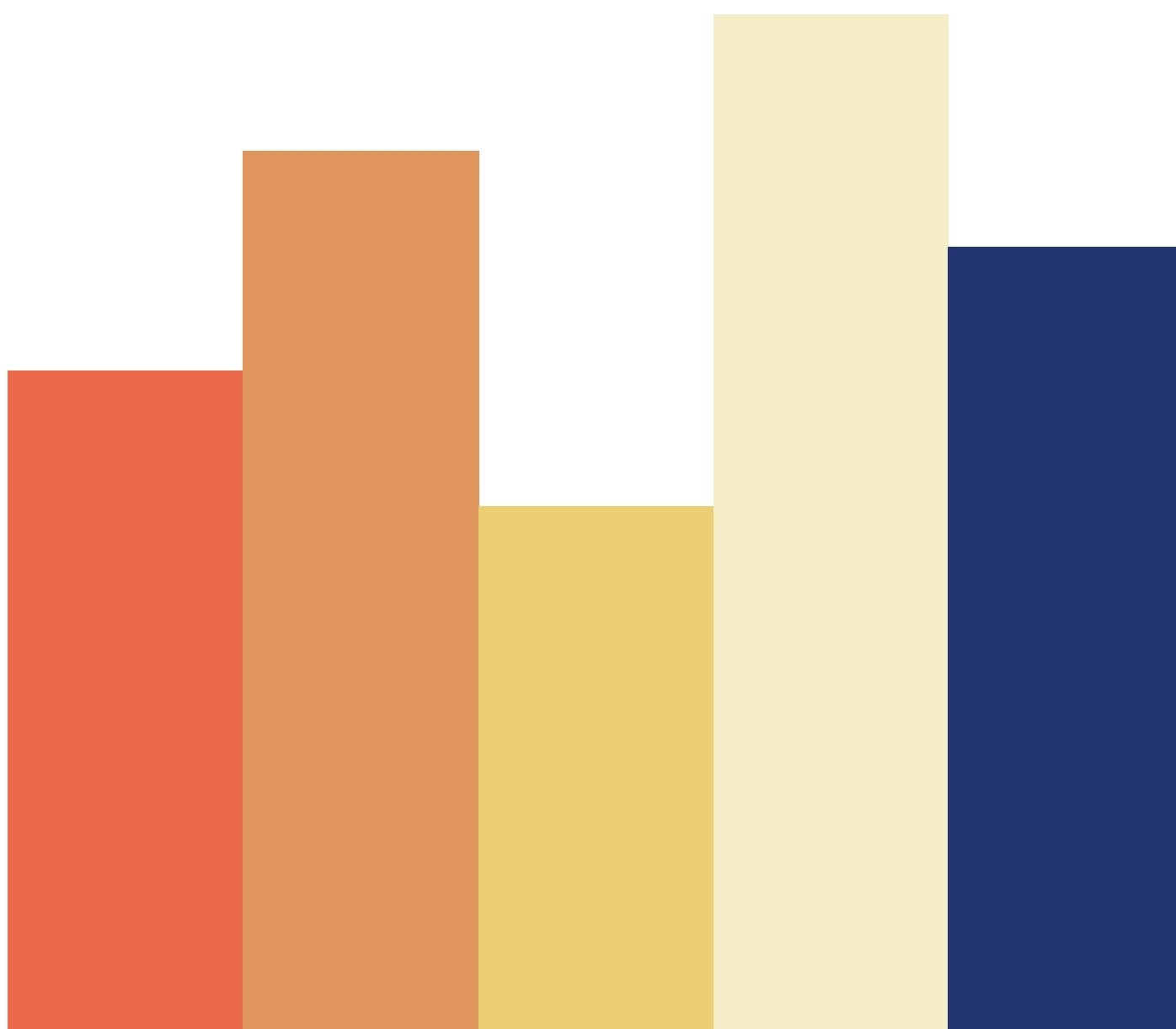


análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

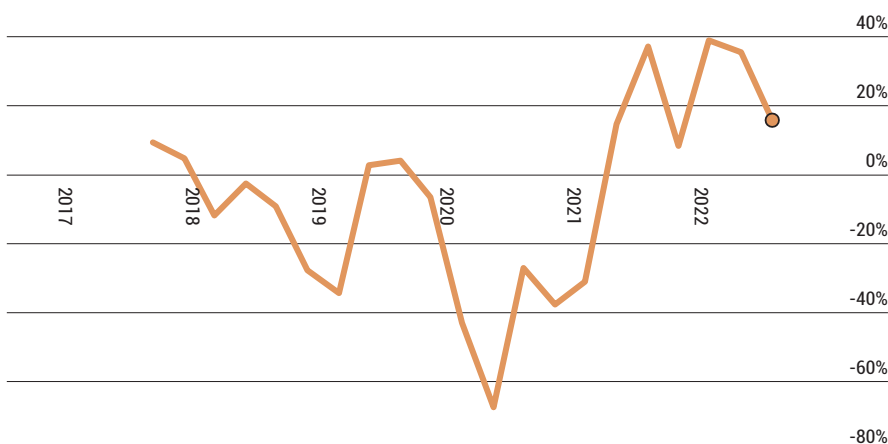


3^o
trimestre
2022

No segundo semestre de 2022, a situação económica nacional e internacional deteriorou-se, verificando-se um considerável abrandamento do crescimento económico. A conjuntura da indústria do calçado evoluiu em conformidade: as respostas das empresas inquiridas relativamente aos seus níveis de produção, encomendas e emprego mostram a continuação de uma tendência de crescimento, mas a menor ritmo do que em trimestres anteriores. Acompanhando o que se passa no conjunto da economia, as respostas apontam também para a continuação de uma tendência de subida dos preços, refletindo o impacto do aumento dos custos de produção. A escassez de mão-de-obra qualificada para responder a esta conjuntura favorável é outra limitação com que as empresas estão confrontadas. Globalmente, a apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios atingiu o nível mais positivo de que há registo, mas as empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional mostram-se menos satisfeitas do que as restantes. Para o último trimestre do ano, as empresas esperam a manutenção de um estado dos negócios favorável, com ligeiras melhorias na produção, encomendas e emprego.

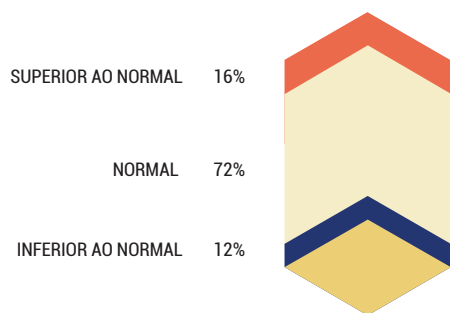
produção

Em linha com as previsões formuladas no boletim anterior, no terceiro trimestre de 2022 o ritmo de crescimento da produção da indústria portuguesa do calçado abrandou, mas manteve-se positivo: as empresas que declararam ter registado um aumento da produção superaram em 16 pontos percentuais (p.p.) as que disseram ter sofrido uma diminuição. Este saldo de respostas extremas (s.r.e.) está inversamente relacionado com a dimensão, sendo maior entre as empresas com menor número de pessoas ao serviço. A maioria das empresas afirmou que a sua produção estabilizou.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

utilização da capacidade

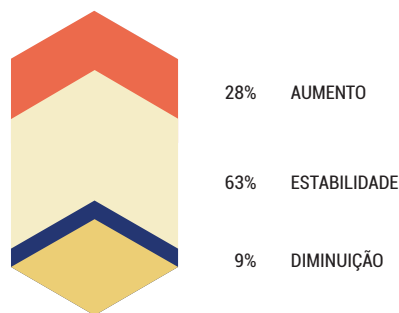


Quase três em cada quatro empresas (72%) afirmam que o nível de utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano, um aumento de 9 p.p. face ao trimestre anterior. O saldo de respostas extremas manteve-se positivo, mas diminuiu para 4 p.p., o mais baixo deste ano, traduzindo uma normalização dos níveis de atividade, depois da situação muito favorável vivida no primeiro trimestre.

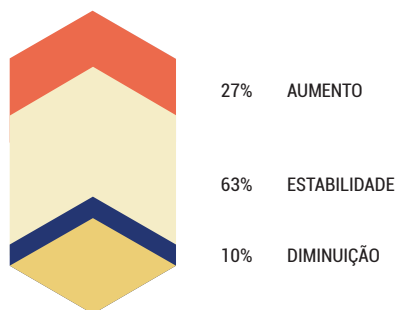
carteira de encomendas

A evolução da carteira de encomendas seguiu um padrão semelhante: o s.r.e. manteve-se claramente positivo (+ 19 p.p.) mas diminuiu face aos dois primeiros trimestres do ano. Quase dois terços das empresas consideraram que a sua carteira global de encomendas estabilizou. O saldo de respostas extremas foi consideravelmente mais baixo entre as empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional do que nas maioritariamente exportadoras.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

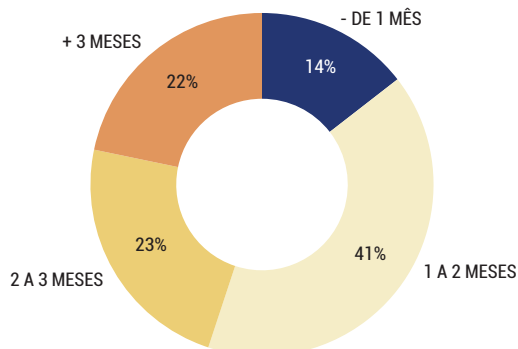


As perspetivas para a carteira de encomendas do estrangeiro são praticamente idênticas, embora com um s.r.e. ligeiramente mais baixo (+17 p.p.). Completa-se, assim, o sexto trimestre consecutivo com tendência de aumento das encomendas, o que constitui um novo recorde: o anterior máximo, de 5 trimestres verificou-se em 2010-2011.

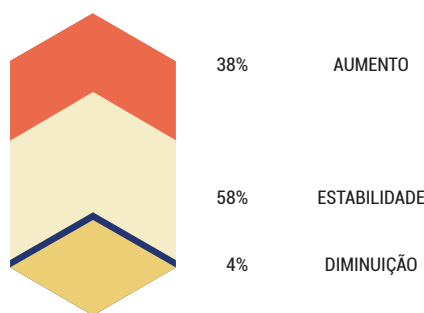
horizonte

As empresas inquiridas têm situações diversificadas quanto à sua carteira de encomendas: o mais comum (41% das empresas) é que a carteira garanta 1 a 2 meses de produção; a percentagem de inquiridos nesta situação aumentou 12 p.p. face ao trimestre anterior. Também aumentou, embora pouco, a percentagem de empresas com menos de um mês ou com mais de três meses de produção garantida. Em contrapartida houve uma forte redução na percentagem de empresas com dois a três meses de produção garantida que é agora de 23%, contra 41% no segundo trimestre.

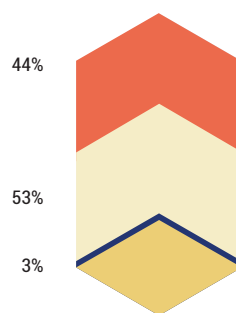
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



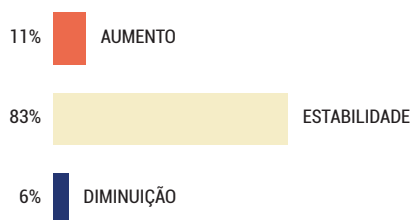
preços

A tendência para a subida dos preços continua intensa. Embora a maioria das empresas afirmem que, no terceiro trimestre, os seus preços permaneceram constantes, tanto em Portugal (58%) como no estrangeiro (53%), as que dizem que subiram superam largamente as que declaram que desceram. Em Portugal, o saldo de respostas extremas é de 34 p.p. e no estrangeiro de 41 p.p. Embora estes valores sejam ligeiramente menores do que no segundo trimestre, quando se corrigem os efeitos da sazonalidade, encontram-se aos níveis mais altos de sempre.

pessoas ao serviço

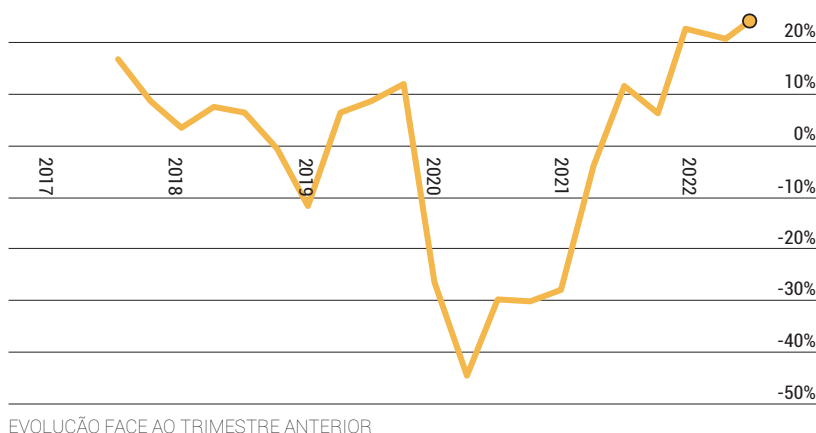
Como habitualmente, a larga maioria das empresas (83%) afirma que, no terceiro trimestre, o número de pessoas ao seu serviço não se alterou. No entanto, tal como nas questões anteriores, as que afirmam que aumentou superam as que dizem que diminuiu, sendo o saldo entre estas respostas de 5 p.p. Trata-se, neste caso, do sexto trimestre consecutivo com tendência de aumento, ainda longe do máximo de 8 trimestres alcançado em 2013-2014.

EMPREGO

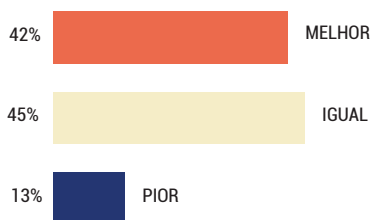


estado dos negócios

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios mantém-se muito positiva: 52% dos inquiridos afirmam que o estado dos negócios é suficiente e os que consideram que é bom excedem em 24 p.p. os que dizem que é mau. Embora o aumento em relação aos dois trimestres anteriores seja ligeiro, trata-se do nível mais elevado que este saldo atingiu nos 28 anos de existência deste Boletim de Conjuntura.

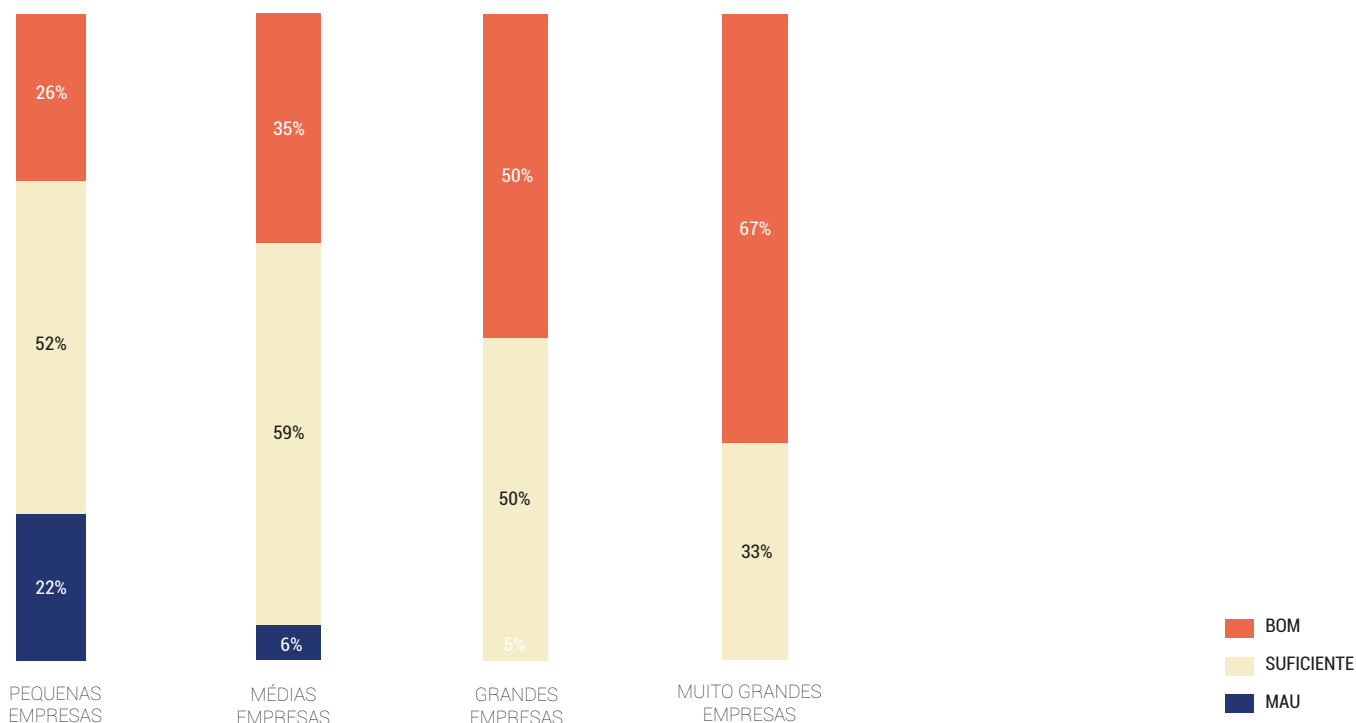


ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



Embora continue a evoluir positivamente, a melhoria do estado dos negócios parece estar a abrandar: neste trimestre, as empresas que consideraram que o estado dos negócios foi melhor do que há um ano superaram em 29 p.p. as que entenderam que foi pior; no trimestre anterior, este saldo tinha sido de 37 p.p. e no primeiro trimestre do ano de 43 p.p.

A opinião das empresas sobre o estado dos negócios está positivamente correlacionada com a sua dimensão: o saldo de respostas extremas varia entre um mínimo de 3 pontos percentuais para as que têm menos de 50 trabalhadores até um máximo de 67 p.p. para as que têm mais de 250. Há também uma marcada diferença entre as empresas orientadas maioritariamente para o mercado nacional, as únicas que apresentam um s.r.e. negativo (-8 p.p.) e as que são maioritariamente exportadoras que apresentam s.r.e. superiores a 20 p.p.



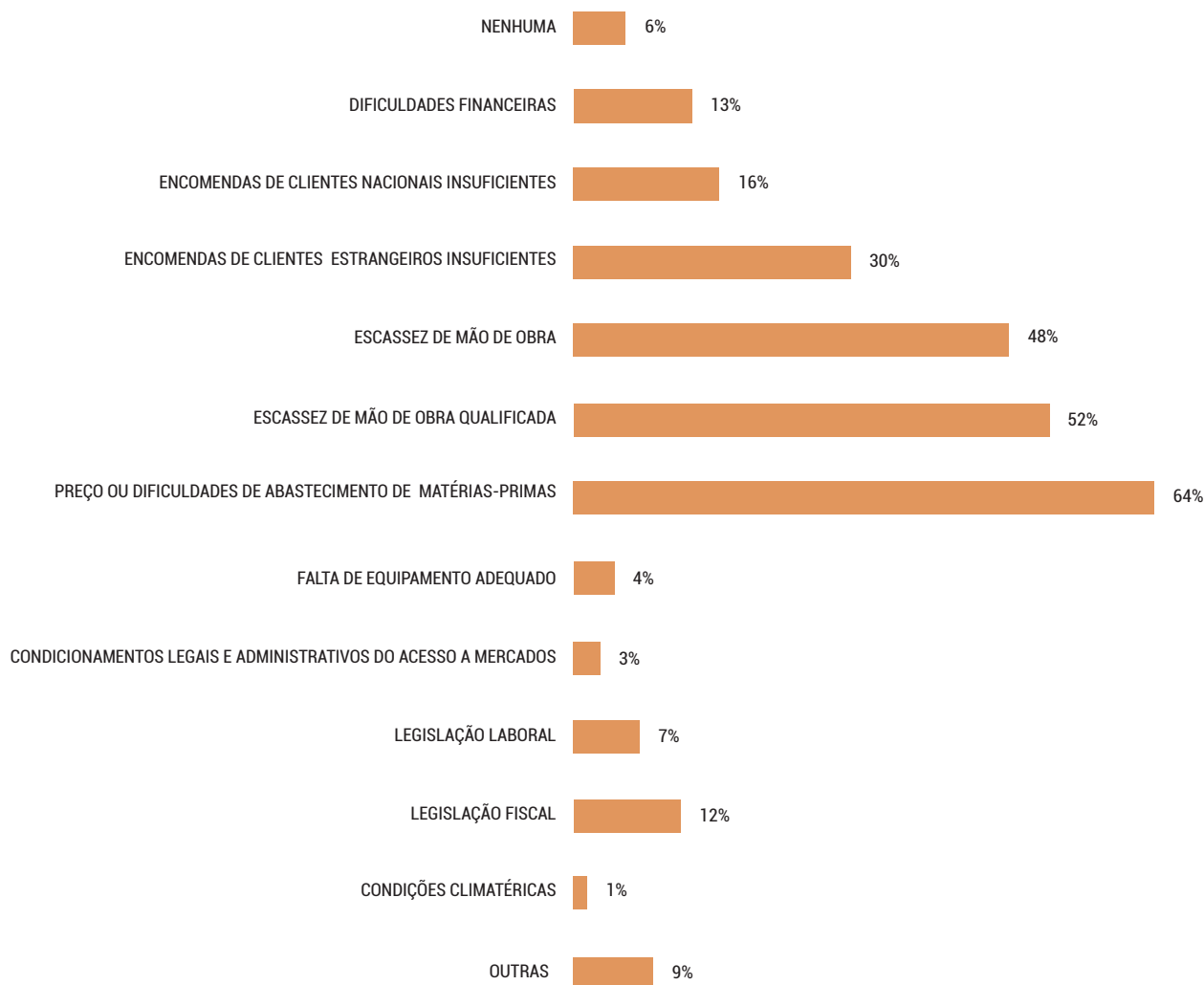
limitações à produção e vendas

Os fortes níveis de atividade retratados nas respostas às questões anteriores explicam que as principais limitações sentidas pela indústria portuguesa de calçado se relacionem atualmente com o abastecimento de fatores de produção. A preocupação mais referida pelas empresas inquiridas (64% das empresas) tem a ver com o abastecimento ou o preço das matérias-primas. Só entre as empresas predominantemente orientadas para o mercado nacional, para quem a conjuntura se apresenta menos favorável, é que esta limitação é referida por menos de 50% dos inquiridos. A escassez de mão-de-obra qualificada é outra limitação referida pela maioria das empresas (52%), surgindo na segunda posição das dificuldades da indústria, logo seguida pela escassez de mão-de-obra, independentemente da qualificação (48%). Em termos relativos, enquanto as empresas mais pequenas se referem mais frequentemente à escassez de mão-de-obra qualificada,

as de maior dimensão fazem-no em relação à mão-de-obra independentemente da qualificação.

As referências a dificuldades de mercado que tradicionalmente dominam as preocupações da indústria encontram-se agora em níveis historicamente reduzidos: apenas 30% dos inquiridos dizem estar confrontados com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e 16% de clientes nacionais.

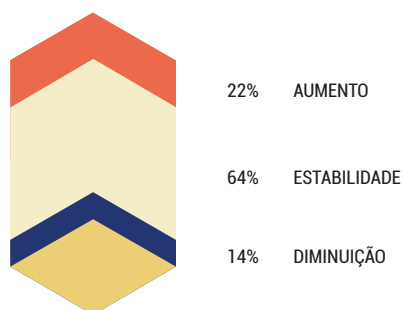
No terceiro trimestre deu-se um considerável aumento das situações de dificuldades financeiras, que passaram de 7% para 13% de referências, encontrando-se agora próximo dos seus máximos históricos e semelhante, por exemplo, ao que se verificou no pico da pandemia de COVID-19. Seis por cento das empresas afirmaram não enfrentar nenhuma dificuldade, percentagem semelhante à registada ao longo dos últimos dois anos.



tendência da produção

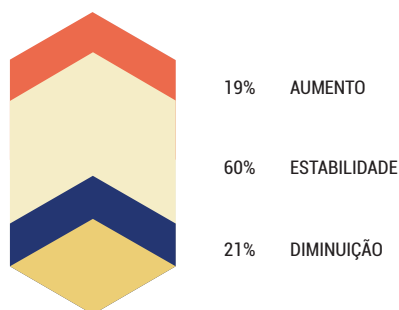
Dois terços das empresas acreditam que, no último trimestre do ano, o seu nível de produção permanecerá estável. No entanto, continuam a ser mais as que esperam um aumento da produção do que as que receiam uma diminuição, embora este saldo seja agora de apenas 8 p.p., o mais baixo do último ano. As perspetivas são mais otimistas entre as empresas com uma forte orientação exportadora.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

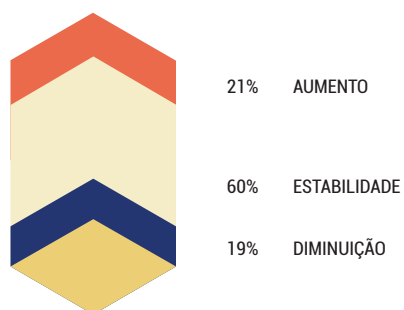


perspetivas de encomendas

As previsões de estabilidade são também predominantes no que respeita à carteira global de encomendas e à carteira de encomendas do estrangeiro (60% em ambos os casos). Enquanto em relação às encomendas do estrangeiro o saldo de respostas extremas permanece ligeiramente positivo (+2 p.p.), para a totalidade das encomendas é já negativo (-2 p.p.). No entanto, corrigidos os efeitos da sazonalidade, as perspetivas para a carteira de encomendas permanecem em níveis historicamente elevados.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

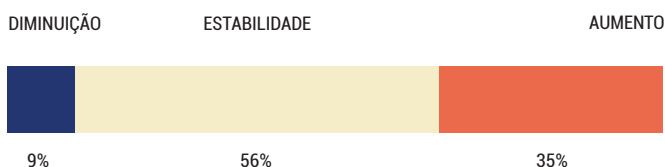


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

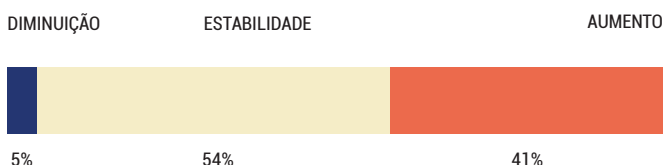
perspetivas de preço de venda

O aumento dos custos de produção continua a pressionar no sentido da subida dos preços do calçado: as empresas que acreditam que, no quarto trimestre, os preços vão subir excedem as que pensam que vão descer em 26 p.p. relativamente ao mercado nacional e 36 p.p. quanto aos mercados externos. Ainda assim, estes saldos são cerca de 10 p.p. menores do que no trimestre anterior, o que sugere um abrandamento da tendência de subida dos preços.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



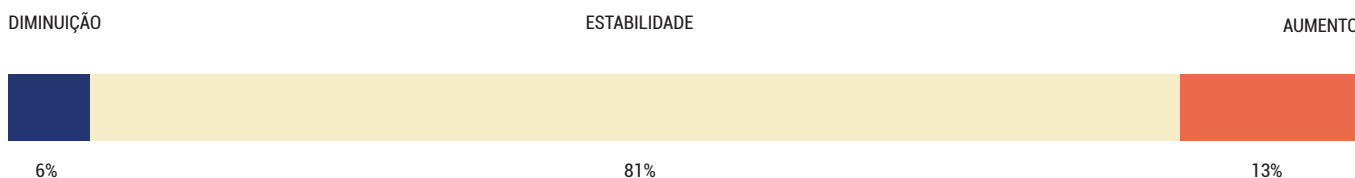
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



perspetivas sobre o emprego

Também a tendência de evolução do emprego na indústria se mantém positiva, mas em abrandamento: pelo sexto trimestre consecutivo, há mais empresas a dizer que preveem aumentar o nível de emprego do que o reduzir. No entanto, o s.r.e. é agora de +7 p.p., o mais baixo do último ano e mais de quatro em cada cinco inquiridos acreditam que o número de empresas ao seu serviço se vai manter estável. As empresas que vendem maioritariamente para o mercado nacional estão mais pessimistas do que as restantes (s.r.e. -8 p.p.).

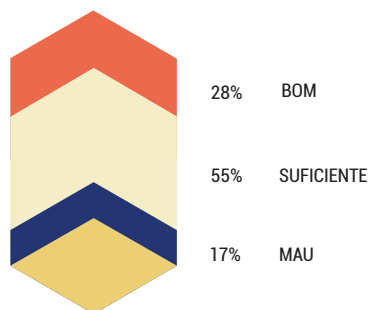
PREVISÃO DE EMPREGO



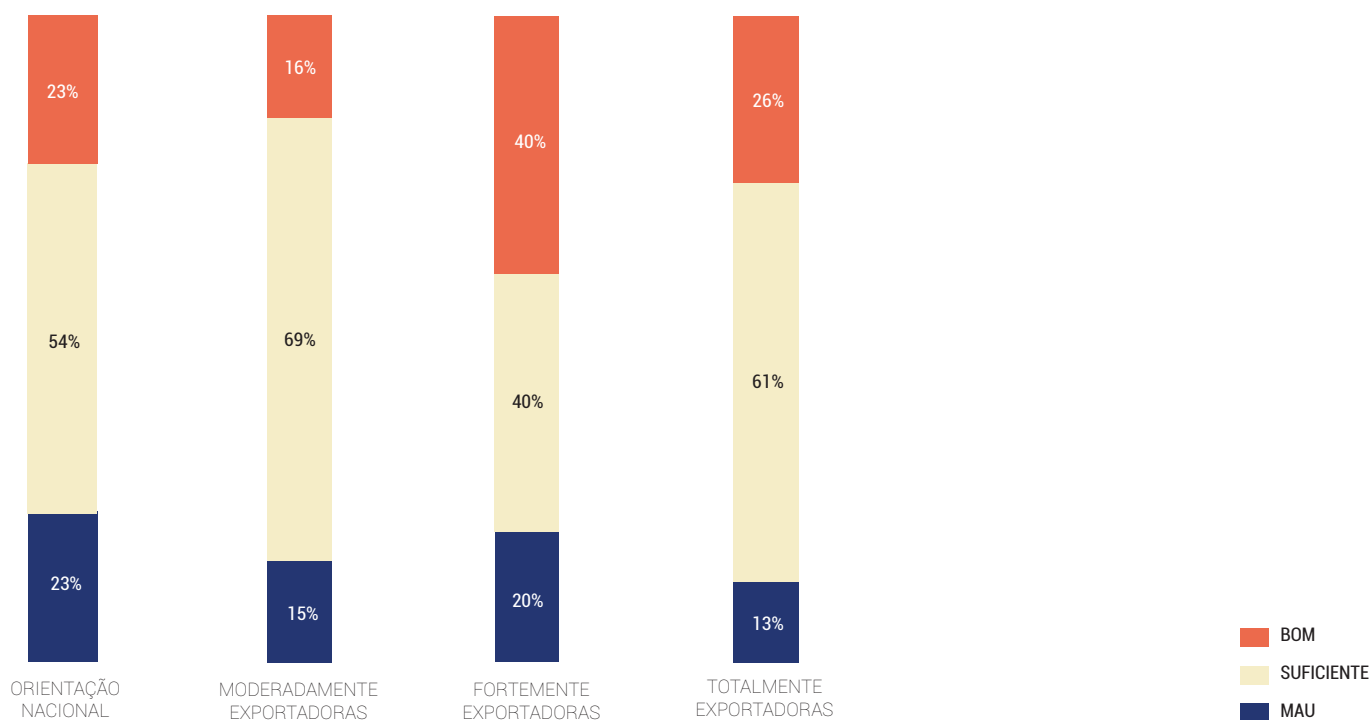
perspetivas sobre o estado dos negócios

Numa avaliação global, as empresas preveem que, no último trimestre do ano, o estado dos negócios permaneça favorável: 55% acreditam que será suficiente e o saldo de respostas extremas é positivo em 11 p.p. Em termos de comparação com o mesmo período do ano anterior, um terço dos inquiridos acreditam que este ano o estado dos negócios será melhor, enquanto só 16% receiam que seja pior (s.r.e. +17 p.p.). Em ambos os casos, apesar de positivo, o saldo de respostas extremas é o menor dos últimos quatro trimestres, indicando um abrandamento na melhoria da conjuntura.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



As previsões para o estado dos negócios são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão das empresas: o saldo de respostas extremas é negativo entre as empresas de pequena dimensão (-3 p.p.) mas atinge 67 p.p. entre as que empregam mais de 250 trabalhadores. No entanto, mesmo entre as pequenas empresas, a percentagem das que acreditam que o estado dos negócios será mau não vai além de 23%. As empresas forte e totalmente exportadoras mostram-se claramente mais otimistas do que as restantes.

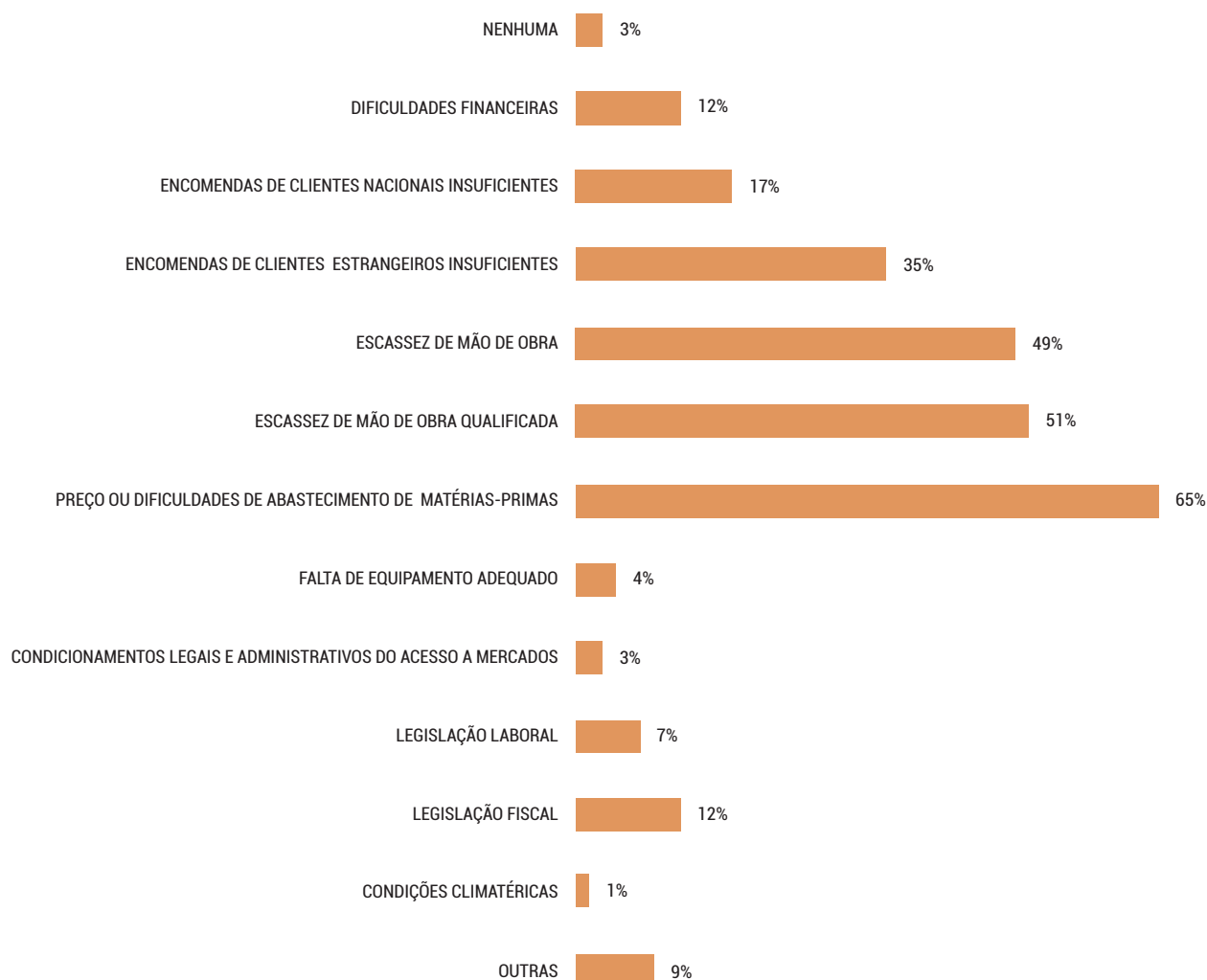


limitações previstas

As limitações que as empresas preveem enfrentar no quarto trimestre são muito semelhantes àquelas com se confrontaram no terceiro. A principal diferença relaciona-se com a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros que regista um aumento de 5 pontos percentuais nas empresas que a preveem para o próximo trimestre, por comparação com as que disseram tê-la sentido no terceiro trimestre. Há também um aumento, mas de apenas um ponto percentual, nas referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais. Apesar destes aumentos, a limitação que mais empresas esperam no

quarto trimestre tem a ver com o preço e abastecimento de matérias-primas (65% das empresas), também com um ligeiro aumento em relação ao trimestre anterior. O mesmo acontece com as referências a escassez de mão-de-obra, embora haja uma redução da mesma dimensão nas referências à escassez de mão-de-obra qualificada.

É de assinalar que apenas 3% das empresas preveem não enfrentar nenhuma limitação à sua atividade, a percentagem mais baixa desde que se publica este boletim.



notas de conjuntura

De acordo com o Eurostat, no terceiro trimestre de 2022, a produção na indústria de calçado no conjunto da União Europeia diminuiu 7,4% face ao trimestre anterior mas aumentou 13,6% face ao terceiro trimestre de 2021. Ao contrário do que tinha acontecido no segundo trimestre, a produção teve uma evolução mais favorável em Itália (-6,5%) do que em Espanha (-11,6%). A produção europeia mantém-se mais de 20% abaixo do nível de 2015.

Os preços na produção de calçado continuam a aumentar embora a ritmos inferiores aos de outras indústrias. Para o conjunto da União Europeia, no terceiro trimestre, situaram-se 5% acima do nível do trimestre homólogo de 2021. O aumento continua a ser maior em Itália (6,1%) do que em Espanha (3,5%).

À semelhança do que este boletim documentou em relação à produção de calçado, no terceiro trimestre o Produto Interno Bruto português continuou a crescer embora a um ritmo inferior ao trimestre anterior: de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, o crescimento homólogo do PIB, neste trimestre, foi de 4,9%, quando no anterior tinha sido de 7,4%. O abrandamento do crescimento do PIB foi comum a todas as suas componentes, mas particularmente significativo para o Investimento que, no trimestre, teve uma evolução negativa (-0,4%). As exportações aumentaram a bom ritmo (+16,8%), embora, também, menor do que no segundo trimestre.

O Banco de Portugal publicou em dezembro as suas previsões para a economia portuguesa no período 2022-2025. Segundo o BdP.

“A economia portuguesa deverá crescer 1,5% em 2023, após 6,8% em 2022, expandindo-se a um ritmo próximo de 2% em 2024 e 2025. A inflação atinge 8,1% em 2022, reduzindo-se gradualmente para 5,8% em 2023, 3,3% em 2024 e 2,1% em 2025. (...)”

A atividade económica registou a partir do segundo trimestre de 2022 uma forte desaceleração, após o período de recuperação da crise pandémica (...). A evolução recente da economia portuguesa tem sido condicionada pelos efeitos da agressão militar russa à Ucrânia, em particular o aumento da incerteza geopolítica e a crise energética na Europa, que contribuíram para exacerbar o aumento de custos e preços e para a deterioração da confiança dos agentes económicos. (...)”

O crescimento da economia portuguesa reduz-se em 2023, após uma variação anual de 6,8% no ano anterior. (...) O crescimento será contido no primeiro semestre de 2023,

projetando-se uma moderação das despesas das famílias, algum adiamento dos planos de investimento das empresas e um abrandamento das exportações. (...)”

A inflação tem surpreendido em alta desde o final de 2021. Esta evolução reflete uma acumulação de choques globais e os efeitos de contágio dos preços internacionais dos bens energéticos e alimentares à generalidade das componentes do IHPIC. Em 2022, a taxa de inflação deverá registar o valor mais elevado dos últimos 30 anos.

Em 2023, a inflação inicia uma trajetória de redução, atingindo em 2025 valores próximos do objetivo de médio-prazo do BCE. (...) A diminuição da inflação será gradual atendendo à abrangência das pressões existentes — com uma proporção significativa de bens e serviços a exibirem variações de preços elevadas — à recuperação das margens de lucro e às pressões sobre os salários.”

Banco de Portugal, Projeções para a economia portuguesa: 2022-25, Boletim Económico - dezembro 2022

Por sua vez, a OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico publicou em novembro o seu *Outlook* sobre a situação económica internacional:

“A economia global enfrenta desafios crescentes. O crescimento perdeu ímpeto, a inflação elevada está a mostrar-se persistente, a confiança enfraqueceu e a incerteza é alta. (...) Prevê-se que o crescimento global do PIB seja de 3,1% em 2022, cerca de metade do ritmo observado em 2021 durante a retoma da pandemia, e que abrande ainda para 2,2% em 2023, bem abaixo da taxa prevista antes da guerra. Em 2024, prevê-se que o crescimento global seja de 2,7%, ajudado pelos

primeiros passos para aliviar a política de taxas de juro em vários países. As perspetivas globais estão também a tornar-se crescentemente desequilibradas, com as principais economias emergentes de mercado asiáticas a responderem por quase três quartos do crescimento global em 2023 refletindo a sua expansão imperturbada e os acentuados abrandamentos nos Estados Unidos e na Europa.”

*OECD, OECD Economic Outlook, Volume 2022 Issue 2, Novembro 2022 **

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

